

O CRUZEIRO

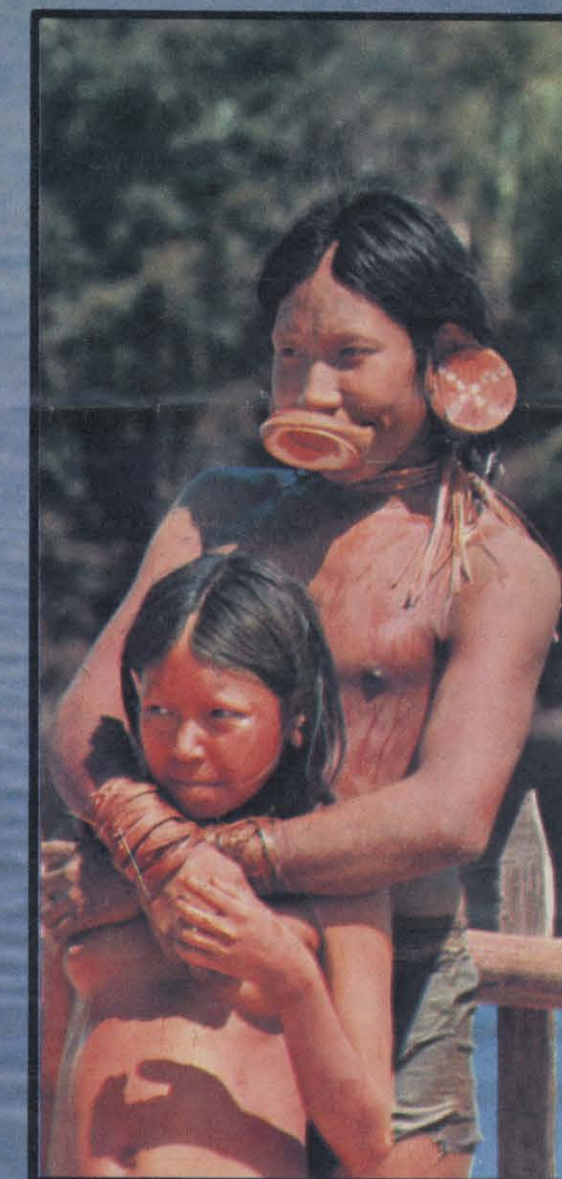
17/12/77

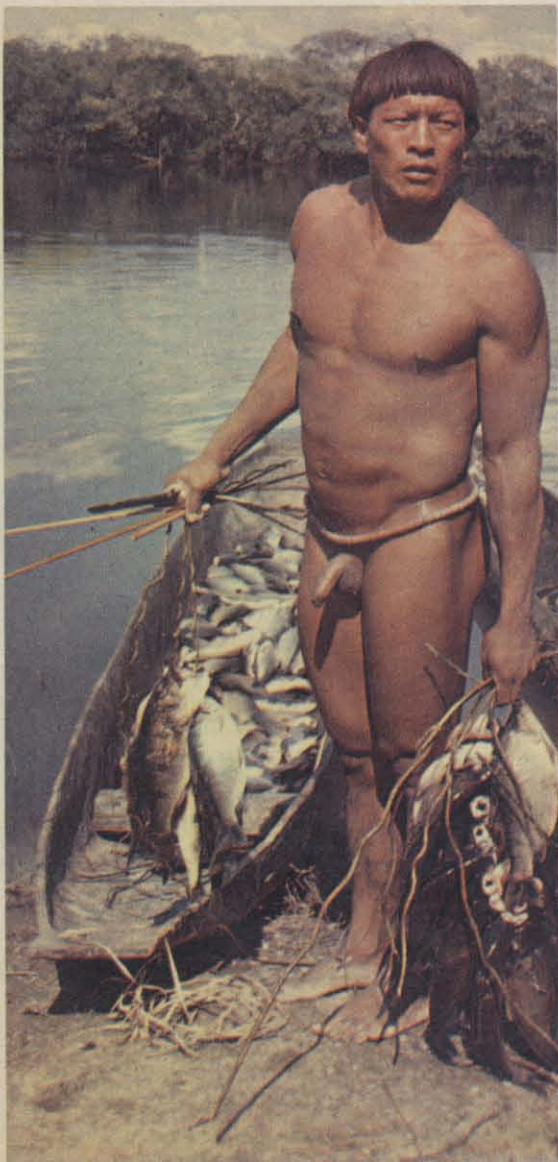
"A VIDA SEXUAL DOS ÍNDIOS"

a vida sexual do índio

Como os índios fazem amor. O sexo antes do casamento, o rito matrimonial, o adultério, o divórcio, o uso de afrodisíacos e anticoncepcionais, as anomalias e os mitos sexuais entre os índios Javaé, Karajá e Parintintin são revelados, nesta reportagem, pelo sertanista João Américo Peret.

Texto e Fotos de J. Américo Peret





to, até que pude distinguir um vulto. Era o ardiloso Kotiri, que não notou a minha presença.

Pouco depois, ouvi um leve ruído. Alguém se aproximava. Já acostumado à escuridão, não me foi difícil identificar a silhueta de uma jovem. Os amantes lançaram-se nos braços um do outro e, com voluptuosa ternura, consumaram o ato sexual, ali mesmo, em pé, certamente porque a relva estava úmida de orvalho.

No dia seguinte, encontrei Kotiri e brinquei com ele: "Sabe que esta noite quase matei a "onça" de que você falou e ainda um "jaó"... piando de amor pela companheira, perto do pequizeiro?..." Ele, surpreso e meio sem jeito, suplicou:

— Amigo, não diga nada a ninguém. Ela é uma das três esposas do pajé e, se ele souber, vai nos enfeitiçar!...

A coisa não parou aí... Eu era o único branco que morava no Posto há mais de oito meses. E, para minha surpresa, alta madrugada, acordei com alguém balançando minha rede. Ainda sonolento, vi, sob a rede, a "jaó", que vinha se oferecer, para que, também amando-a, não revelasse seu segredo. Embora a contragosto, tive que mandá-la embora.

Maheico e as filhas do Sol

No princípio do mundo, as **uanadiórióré** (moças solteiras) disputavam o amor de **Kananciué Inã** (Deus-homem). Um dia, ele se deixou seduzir por **Maheico**, uma jovem de rara beleza e formas provocantes. Casaram-se e, mais tarde, ele saiu em busca do sol. Quando **Kananciué Inã** regressou à aldeia, **Maheico**, sua esposa, cansada de esperá-lo,



Kotiri, o amante Javaé

Em 1952, instalamos o Posto Indígena Damiana da Cunha para o Serviço de Proteção aos Índios, na Ilha do Bananal, em Goiás. Naquela época, o rio Javaé ainda era uma incógnita, refúgio da fauna, paraíso dos índios Javaé e "Eldorado" de aventureiros.

Certa ocasião, ouvi Kotiri, um jovem guerreiro, assustando seus companheiros. Dizia ele: "À noite, ouvi uma haloé-lubu (onça preta) rosnando aqui perto da aldeia, e pela manhã encontrei as enormes pegadas que deixou..."

Eles estavam reunidos na **Aruaná Hetô** (Casa das Máscaras e de reunião dos homens). Os Javaé confiavam na minha experiência de caçador e principalmente na arma de fogo, para garanti-los durante a noite, uma vez que suas flechas, lanças e bordunas são mais eficazes durante o dia, quando enxergam a caça. Por isso, fizeram-me participar da reunião.

A notícia alarmante de Kotiri, de que uma onça rondava a aldeia, gerou um mal-estar nos companheiros, e eles recolheram-se mais cedo. Mas, eu vinha caçando quase diariamente e não vira sinais de onça por perto. Desconfiei, e resolvi tirar a limpo aquela estória.

Fiquei à espreita. Logo ouvi um solitário pio de jaó (tipo de perdiz). Minha estranheza aumentou, pois jaó não anda nem pia de noite. Peguei a carabina e a lanterna, disposto a constatar se onça "pia de ave", como dizem os sertanejos. Caminhei com cuidado por uma trilha e fiquei junto a um pequizeiro (árvore frutífera). O "jaó" piou mais uma vez.

Estava escuro. O pio era cada vez mais per-



já havia encontrado um novo amor. Sentindo-se traído, o Deus-Homem saiu sem destino, punindo erros e transformando pessoas em animais...

Há muito tempo, na aldeia de **Idianakatu**, viviam duas irmãs. Eram as filhas do Sol, um poderoso feiticeiro que exigia de seus futuros genros provas de coragem, inteligência e perseverança. Muitos morreram na tentativa. Até que **Idianakatu** e **Alobederi** conseguiram superar todos os obstáculos. Na noite de núpcias, quando os noivos se deitaram, elas revelaram: "não podemos ter relações sexuais, papai colocou piranhas em nosso sexo!..."

Os irmãos ficaram frustrados, mas **Idianakatu** procurou resolver o problema gritando: "Ei, macacos, venham provar a virgindade das filhas do Sol!..."

Os macacos foram logo deitando-se com as virgens, do que resultou terem estes perdido o prepúcio, devorados pelas piranhas. Finalmente, com ramos de timbó (cipó venenoso), **Idianakatu** retirou os vorazes peixes. Porém, uma menorzinha ficou escondida e todos os meses ela fica ouriçada e morde as entranhas das mulheres, provocando dores e hemorragias (menstruação).

A rebelião das Karajá

Outra lenda Inã (Karajá) diz que, certa vez, as mulheres, arditosas, praticaram o amor livre até enfraquecerem os homens, e acabaram dominando a aldeia. Pegaram as canoas e viajaram até encontrar um lago. Tentaram flechar alguns peixes, mas reconheceram que não sabiam manejar o arco. Nada conseguiram, até que surgiu no meio do lago um enorme jacaré. Ele, que possuía poderes má-

gicos, arreganhou sua bocarra e exclamou: "sejam carinhosas comigo, que lhes darei muitos peixes!..."

Elas aceitaram a proposta e foram deitar com o "jacaré". À tardinha, quando resolveram voltar, o "jacaré", entrando na água, jogou muitos peixes na areia. As mulheres comeram à vontade e levaram as sobras para a aldeia. Ao ver os peixes sem marca de flechas, os homens desconfiaram e, com o auxílio do pajé e do mascarado **Uadioromani** (herói transformador), recuperaram suas armas e a liderança.

As mulheres que se haviam deitado com o jacaré ficaram grávidas. Elas e seus filhos, por encantamento, se transformaram em jacaré. É por isso que os lagos e ribeirões da ilha do Bananal estão povoados de saurios que, por serem parentes, os Inã não os comem.

Com essa advertência, os guerreiros e campeões esportivos evitam casar-se cedo. Suas atividades sexuais são moderadas para que não se enfraqueçam, impedindo, assim, a repetição do domínio feminino.

Moça virgem para rapaz virgem.

No sistema social dos índios Inã, moças e rapazes conservam virgindade até às núpcias. Já casados, na intimidade do lar, as decisões são tomadas sempre pela mulher, e se o marido não aceita, arcará com as consequências. Quando há mais mulheres que homens, a virgem pode escolher um desquitado ou viúvo. Não havendo desquitados ou viúvos disponíveis, a esposa permitirá que sua irmã

seja a segunda esposa do marido, e vivem juntas. O pajé, mesmo já sendo casado, poderá exigir, como pagamento de uma cura, a mão de uma parenta do cliente, e esta passará a ser uma nova esposa. Nesses casos especiais, a mãe não tem escolha e dá a filha em casamento. Pode ocorrer o contrário e o rapaz virgem ser escolhido por uma desquitada ou viúva, o que eles acham vantajoso, pois dão o "golpe do baú", uma vez que, nessa condição, as mulheres já contam com haveres que servem de apoio inicial aos nubentes.

Quando cheguei à Ilha do Bananal, em 1947, era dia de festa. Para os Inã, tudo é motivo de festa: as flores, os frutos, a lavoura nova, a chegada das chuvas, a estiagem, a alegria de viver livremente.

Na cerimônia a que assisti, algo especial iria acontecer. A mãe de Lauaxiru, uma garota meiga e de corpo deslumbrante, ia escolher o primeiro homem para sua filha.

Sentada à sombra das bananeiras que circundam o terreiro de recreação, fora do local dos festejos, estavam as mulheres e crianças, assistindo, como num anfiteatro, às evoluções das danças, lutas e músicas dos guerreiros, em festiva competição. As que possuíam filhas em idade de casar não estavam ali como meras espectadoras. Observavam os futuros maridos de suas filhas.

A mãe de Lauaxiru aproximou-se da esteira onde se encontrava a mãe de Hambuenonã, um jovem esbelto e de bela figura. Olharam-se numa espécie de mútuo entendimento, e ambas se retiraram para a choça da segunda, onde acertaram o casamento de seus filhos. A mãe de Lauaxiru recolheu os objetos pertencentes ao rapaz, levou-os para sua choça e ambas, dissimuladamente, voltaram à festa

que se alongava noite adentro.

É conveniente observar que, no sistema de criação dos jovens desse grupo, crianças de ambos os sexos brincam juntas e livremente sob as vistas protetoras dos adultos. Quando os meninos atingem a idade escolar (aproximadamente 11 anos), vão para a **Aruaná Hetô** (Casa das Máscaras e escola-internato tribal), ao ingressar, recebem o nome de **Diuré** (ariranha), depois passam a **Bodô** (iniciados) e, posteriormente, a **Ueriribó** (rapaz). Essa transformação ocorre no período de cinco anos, quando então concluem o curso básico de suas estruturas.

Mesmo após esse período, continuam residindo na escola, com as mesmas regalias de estudantes, mantidos pela comunidade. Assim vivem enquanto solteiros, não havendo celibato voluntário.

Quando o rapaz se casa, passa a ser considerado **Hambu** (homem). Nessa fase, além de ir morar na casa da esposa, onde ajuda os sogros na manutenção do lar, dá também sua quota de alimentação à escola.

As meninas Karajá se iniciam nas prendas domésticas logo após a puberdade. Passam a maior parte do tempo em casa. Vivendo assim separados, meninos e meninas se desligam completamente das brincadeiras da primeira infância. Tornam-se praticamente estranhos. Após esse período, as limitações persistem: os rapazes raramente vão à casa dos pais, não circulam pela aldeia, e até mesmo entre irmãos o contato é restrito, embora haja um sólido espírito fraternal no lar indígena.

A festa na qual ocorreu a escolha de Hambuenonã como noivo chegara ao fim. Ao ir em casa, ele deu por falta de seus pertences e ficou sabendo que fora escolhido por uma jo-





vem. Furioso, retornou à **Aruanã Hetô**, seu refúgio predileto, mas os colegas casados, que funcionam como instrutores, o aconselharam a ir, no dia seguinte, apanhar seus pertences na casa da jovem. Embora contrafeito, foi até lá. Ficou de frente à porta de serviço da choça, quieto, esperando que a moça viesse devolver-lhe os objetos.

Finalmente, ela aparece. Com o rosto coberto pelos longos cabelos e muito constrangida, entrega-lhe tudo. É tão grande a inibição de ambos que não se falam. O rapaz se afastou dali o mais depressa possível, certo de que a situação fora resolvida. Puro engano; nos dias subseqüentes, a cena se repete, até que surge um namoro furtivo.

A mãe de Hambuenonã formaliza o pedido de casamento, como se a iniciativa tivesse partido do rapaz; nessa ocasião, a mãe de Lauaxiru nega a mão da filha. Essa atitude é estudada e visa à valorização da moça aos olhos do rapaz e de todos. Não passa de um recuo estratégico, para que o noivo, já interessado, não se sinta dono da situação. Ele, de fato, se assusta, ignorando que tudo já está arranjado.

As mães estão de comum acordo, mantendo suspense. A sogra do noivo inicia a confecção de uma esteira para o casal. As idas e vindas com os objetos do rapaz se repetem. Atendidas as exigências do pajé, para se sa-

ber se o Grande Espírito aprova a união, consentimento esse que é traduzido com o resultado da produtividade de uma caçada e pescaria coletiva, o casamento se realiza.

A festa se faz numa policromia de artesanatos e pinturas corporais. A comida é farta e variada. Os noivos se retiram para a casa da noiva e ali se deitam na grande esteira da família.

Naquela noite, nada acontece, por várias razões: um mês apenas se passou desde a escolha do noivo e, entre esses índios, essa inibição é natural; além disso, os parentes da recém-casada estão ali presentes e, o que é curioso, a união física ocorre sempre durante o dia, depois que, em pequenos passeios, vão perdendo a inibição. Daí para a frente, as idas e vindas para os lugares mais aprazíveis são freqüentes. A sogra conclui a esteira e os recém-casados já podem dormir juntos, embora no mesmo cômodo da cabana, onde o clima é de respeito e confiança.

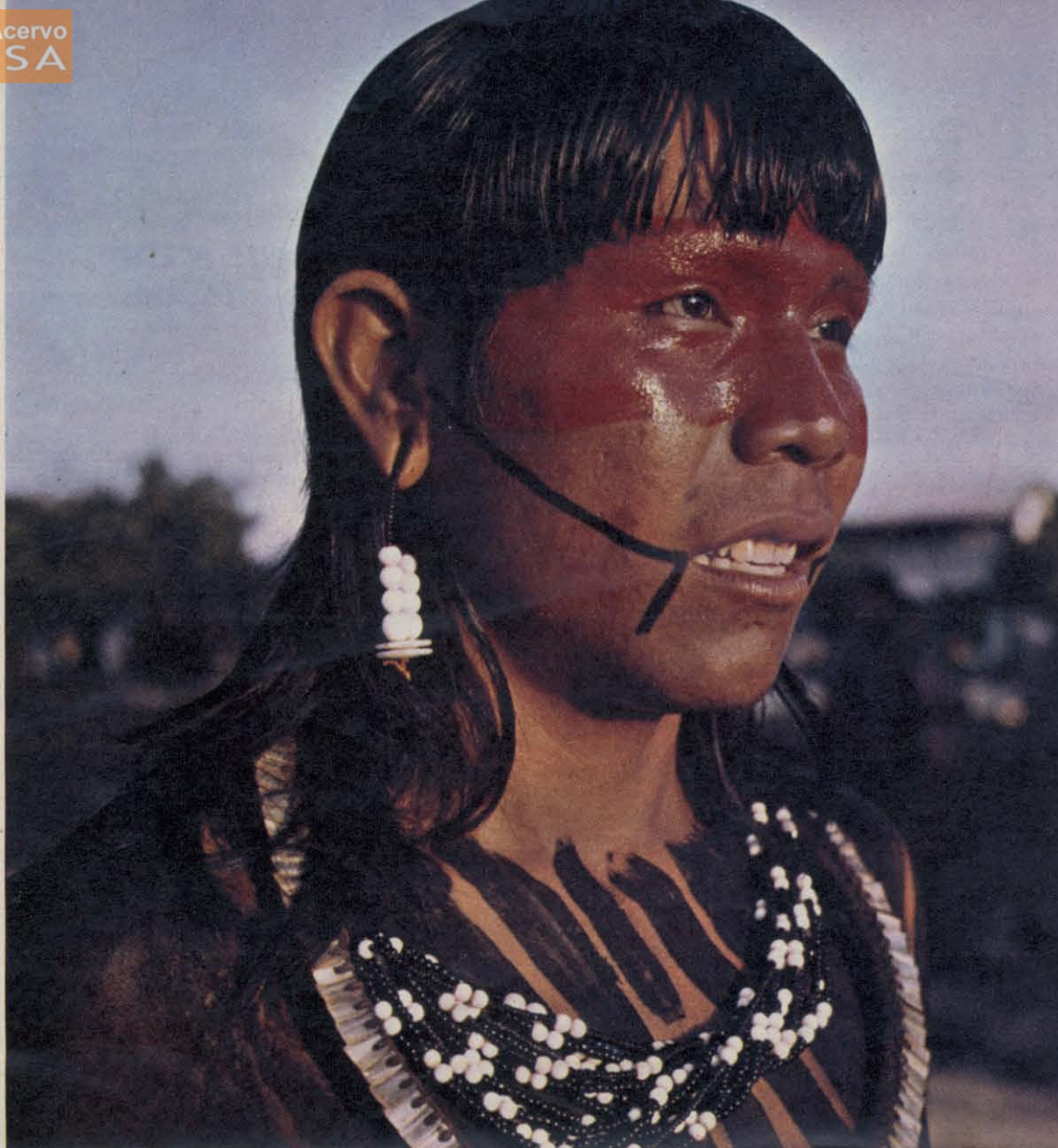
A vida prossegue, sem novidades. Esse é o quadro comum da vida conjugal na aldeia Karajá. Mas, como acontece nas sociedades "civilizadas", pode haver divergências entre os dois. Pode ocorrer mesmo o adultério, ou o divórcio justificado, quando o homem não aceita a sugestão da mulher para ficar em casa, e se ausenta por longo tempo, ou quando o homem é malandro e não assume sua responsabilidade de chefe de família, etc.

Em época remota, segundo alguns Karajá, o adultério era punido com rigor e o castigo era de natureza sexual. A mulher adúltera era levada para a **Aruanã Hetô**, onde todos os homens a possuíam, quantas vezes quisessem. Depois, ela era abandonada numa praia qualquer, entregue à própria sorte. Estava expulsa da comunidade.

Hoje, a punição se faz de maneira diferente: o marido comunica o fato aos parentes da mulher, cabendo a eles aplicar o castigo. Dão-lhe uma tremenda surra, na presença do marido ultrajado. O "dom-juan" também apanha. A satisfação foi dada à sociedade, e o marido vingado.

Se o marido quiser continuar com a mulher, poderá fazê-lo, pois não há restrições a respeito. Caso contrário, ele irá viver na **Aruanã Hetô**, voltando à condição de solteiro. Nesse caso, cabe à mulher a guarda dos filhos e ao novo marido, aceitar a adoção da criança, sem constrangimentos.

Em recente visita aos Karajá, verifiquei que eles estão perdendo a timidez no amor. As moças e rapazes mantêm relações sexuais antes do casamento, ocorrendo o caso de uma jovem que chegando a mim, falou: "minha cabeça está quente e só pensa em você..." e outra: "eu venho a ti porque gosto de ti..." Quanto aos rapazes, eles preferem namorar as turistas civilizadas...



djô (também anticoncepcional) que no dialeto Kaiapó quer dizer: "não deixar criar (cabeça) raiz". Existem outras que o branco não conhece.

A magia de Tandavu-u

Os Parintintin contam aos jovens a lenda de **Tandavu-u** (herói transformador), responsável pelo comportamento sexual da comunidade. Essa divindade não admite e pune o homossexualismo entre os homens. Para evitá-lo, **Tandavu-u** tem uma fórmula mágica, venenosa e invisível.

Sob a ação subjetiva do herói mítico punitivo, os desvios provocam dores e queimaduras violentas e só o pajé possui o bálsamo que alivia e cura. Mas o remédio só faz efeito mediante confissão pública.

Constata-se aí a intenção de educar, pelo castigo (mitológico, já que não é próprio do índio a agressão direta), os jovens, numa tentativa de erradicar tais anomalias. Assim agindo, **Tandavu-u** pretende estabelecer um equilíbrio no comportamento sexual da comunidade. Entre sexos opostos não há qualquer limitação.

Anomalias e desvios sexuais

"POVOS VICIOSOS" - foi a denominação dada pelo padre Carvajal, cronista da viagem do descobrimento do rio Amazonas (28 de maio de 1542), ao chegar a um povoado indígena nas proximidades do rio Madeira.

Em 1959, subi o rio Madeira até o Maecy e cheguei à aldeia Parintintin, do cacique Nawin. Nessa primeira visita, demorei apenas um mês, participando, como espectador, de suas atividades cotidianas. Constatei na memória desses índios lembranças da época em que habitavam o baixo rio Amazonas. Vários jovens foram também meus informantes, entre eles Tuluni e Tanum, além da "viúva" Yontei.

O que revelaram sobre suas intimidades, muitas das quais confirmei em duas viagens posteriores, exige um mais profundo e apurado estudo, para que se faça melhor julgamento. Impõe-se saber, em definitivo, se as anomalias registradas são ou não próprias de sua cultura. Há suspeitas de influências francesas no comportamento sexual desse povo.

Os exploradores franceses estiveram na região no século XVII. Os museus de Lima estão repletos de cerâmica porno e fálica, de ori-

gem pré-colombiana.

Vi-os na prática de exercícios sadomasoquistas: fazem a formiga tanoca ou tocandira picar o membro viril que, em seguida, é colocado num tubo de bambu. Ao enrijecer-se, e não podendo aumentar no diâmetro, alonga-se excessivamente, ficando parcialmente insensível. Outra prática destinada a essa deformação é a fricção com plantas causticas, ou a aplicação de secreção de determinado sapo. O certo é que os homens parintintin têm o membro viril agigantado. Pelo que ouvi, praticam igualmente o onanismo, o tribadismo, a sodomia e a irrumação, além de usarem peças artificiais.

Quanto à pederastia, observei que um garoto, acostumado fora da aldeia, a presenciar casais na intimidade, foi seviciado por um adulto.

Há uma cabana isolada só para mulheres. Para lá se dirigem as mulheres, casadas ou não, que em determinada época abandonam a aldeia e entregam-se a um erotismo exacerbado, atacando os homens que passam pelas imediações da cabana, e só os deixam escapar quando estão saciadas ou eles depauperados, havendo ainda suspeita de andromania. Os Parintintin conhecem e fazem uso de ervas afrodisíacas e revitalizantes. Entre essas plantas, identifiquei o **guaraná** (nas puçangas), a **catuaba**, a **marapuama**, **nó-de-cachorro**, **guajuru**, **jatobá**, e o **mê-kran-kê**.

